

## Pierre Aubenque e a idéia da analogia do ser aristotélica

A idéia da analogia do ser aristotélica acumulou desde o comentário tar-do-medieval das obras de Aristóteles o prestígio de uma verdade incontes-tável, sobre a qual não pairava nenhuma suspeita. A tese da existência ex-plícita de uma doutrina da analogia do ser na *Metafísica* tornou-se uma idéia pronta capaz, em última instância, de legitimar as diversas sínteses sobre os momentos fundamentais da história da filosofia.

Na verdade o dossiê sobre este assunto é extenso e ainda permanece cheio de lacunas. Procuraremos aqui expor de maneira resumida as princi-pais críticas que Pierre Aubenque fez à idéia da analogia do ser aristotélica com o objetivo de apreender seu sentido mais amplo. Pierre Aubenque trouxe novas peças para este debate e suas teses sobre a analogia aristotéli-ca estão apoiadas em argumentos convincentes, é o que pensa também Brunschwig, um dos comentadores de Aristóteles com quem mais polemi-zou<sup>2</sup>.

### A ἀναλογία como figura filosófica

O vocábulo analogia, tal como se emprega correntemente, significa relação entre duas ou mais coisas que portam algum traço comum. Por exemplo, a

---

1 Prof. do Programa de Pós Graduação da Unversidade Gama Filho.

2 Brunschwig, Jacques "Non et oui", *Nos Grecs et leurs modernes*, textes réunis par Barbara Cas-sin, Paris: Seuil, p. 53-54. Para um estudo mais detalhado sobre a interpretação de Pierre Au-benque remetemos o leitor para nossa tese *A analogia aristotélica revisitada: analogia ou aporia do ser*, particularmente o cap. 1 e 2 da primeira parte. Tese defendida no Departamento de Fi-losofia da PUC-Rio.

analogia dos caracteres, das idéias, dos gostos; a analogia da forma, da função, como a analogia entre os pés do animal e os pés da mesa, do leito, do muro, da coluna, da montanha, de uma perpendicular, de uma obra; a analogia que existe entre o homem e o macaco, a analogia de uma língua com outra, etc.

Em seu sentido próprio<sup>3</sup>, a analogia (ἀναλογία) designa uma identidade de relações, como dizemos em matemática que  $a/b = c/d$ . Este sentido da analogia, transformou-a em uma questão genuinamente epistemológica: a do raciocínio por analogia. Desde Aristóteles o raciocínio por analogia ocupa um lugar importante na história das ciências. Permite procedermos do conhecido para o desconhecido na exploração da natureza e ultrapassar os limites da nossa experiência. Seu uso se apoia no pressuposto implícito da existência de relação entre o objeto de estudo e um (ou mais) elemento(s) já conhecido(s). Mas, a analogia só é legítima com a condição de não se esquecer o postulado reducionista que permite aceitar provisoriamente um modelo como descrição aceitável da realidade.

Entretanto, uma tradição histórica<sup>4</sup> que se formou na Idade Média através da exegese do pensamento de Aristóteles, qualifica como analógica a unidade entre as significações múltiplas do ser, tendo desenvolvido uma onto-teologia do conhecimento pela analogia. Tomás de Aquino, apoiado em seus comentários de Aristóteles, estabelece o novo cânon da terminologia com a sua doutrina da *analogia entis*, onde a analogia é definida como

- 
- 3 A ἀναλογία significa ἰσότης τοῦ λόγου, segundo o mesmo λόγος, mais precisamente, uma igualdade de pelo menos duas relações (Lalande 1993: 55-56). Os latinos (Cícero, Boécio) a traduziram por *proportio*, mas a palavra grega prevaleceu na linguagem filosófica. Em seu uso atual a palavra analogia significa em sentido mais geral, proporção, mas também relação e semelhança (Bounois 1989a: 80-83). Todos estes elementos fazem parte do conceito metafísico da analogia. Esta multiplicidade de sentidos no conceito da analogia é carregada de consequências filosóficas, as quais, fazem a analogia oscilar entre um sentido mais rigoroso, de uma igualdade de relações, ou um sentido de uma mera semelhança entre duas coisas.
- 4 A. J. Festugière (1954: 92-140) estudou como, já a partir do médio platonismo (Albino, Celso e Maxime de Tyr), a analogia adquire um papel importante no reconhecimento do Deus incognoscível que a alma em sua ascensão busca atingir também por outras duas vias: a via da negação e a via da eminência. A analogia ganha, com o neoplatonismo de Proclo (*Teologia Platônica*, II, 5, onde se pode ler que “quanto as analogias, elas são utilizadas somente para dar uma indicação sobre a semelhança com o Um daquilo que é inferior a ele”) e com a teologia judaica e a cristã (através de Provérbios XIII, 5, onde se pode ler que “é a partir da grandeza e da beleza das criaturas que, por analogia, se conhece o seu autor”) um novo impulso teologizante e passa a significar uma relação não-matemática. Entretanto, a constituição de uma doutrina da analogia do ser, a *analogia entis*, apoiada no comentário da *Metafísica* de Aristóteles é um fenômeno tardio (Libera 1989: 319), séc. XIII e XIV, defendida inicialmente pelos tomistas.

um caso intermediário entre a univocidade e a equivocidade<sup>5</sup>. A doutrina da *analogia entis* consolida-se na filosofia medieval, mais precisamente com os tomistas, nas polêmicas contra a teoria da univocidade defendida por Duns Scot.

O problema típico da filosofia antiga – a relação entre o Um e o Múltiplo – foi posto em relação ao problema do Criador e da criatura. Para as filosofias medievais (Heidegger 1962: 118), dizer o ser de um ente é pensá-lo como ens creatum, quer dizer, como aquele que é criado pelo criador. Ser um ente significa, então, pertencer a um grau determinado da ordem do criado e corresponder, enquanto assim causado, à causa criadora. Em linhas gerais esta doutrina da analogia do ser estabelece que o ser se estende na diversidade hierarquizada do real sem perder sua unidade, no que cada ente participa do ser, a saber, participa na proporção (analogia) de sua perfeição.

Estas duas acepções da analogia pedem estudos distintos: um consagrado à história da noção na tradição da filosofia medieval, até a sua derivação neo-escolástica no século XIX; outro sobre o interesse que a analogia representa para a ciência contemporânea, como instrumento de pensamento e de percepção do qual restaria precisar seu estatuto epistemológico<sup>6</sup>.

Diferentemente destes limites que acabamos de traçar para o estudo da analogia, podemos facilmente conceber a necessidade de um outro caminho de investigação. Desde o pensamento grego, a palavra analogia faz parte do vocabulário científico e da linguagem filosófica. A analogia ganha em precisão nas teorias matemáticas de Arquitas e conquista, com Platão, Aristóteles e discípulos (como Espeusipo e Teofrasto), um lugar definitivo na filosofia. Essa diversidade de manifestações da analogia e sua utilização por Platão e Aristóteles na discussão dos momentos cruciais de problemas

5 Univoco e equivoco se dizem dos nomes ou dos conceitos, diferentemente das expressões utilizadas por Aristóteles *συνώνυμος* e *ὁμόνυμος*, que são atribuídas aos objetos. No tratado das *Categorias* distingue duas relações entre as coisas e as palavras: homonímias, várias coisas e a mesma palavra; sinonímia quanto o nome e o *lógos* são comuns ao objeto designado.

6 Apesar da bibliografia sobre as relações da analogia com o conhecimento científico nos últimos decênios ser numerosa (Delattre 1990: 263), há ainda muito por fazer para que se consiga um domínio epistemológico satisfatório capaz de condicionar a utilização pertinente deste instrumento intelectual, que é o raciocínio analógico. A analogia também é estudada no que se convencionou chamar de lógica informal ou teoria da argumentação. Neste caso a analogia é juntamente com a indução, causalidade e autoridade uma forma de argumento. Procura-se então estabelecer os critérios que nos permitiriam classificar os argumentos analógicos em fortes e fracos.

metafísicos –respectivamente, os do Bem, dos Princípios e das Causas, etc.–; bastam para fazer da ἀναλογία, sem dúvida, um dos conceitos chave na compreensão filosófica do λόγος grego.

Neste sentido, a exegese dos textos –sobretudo os de Platão e os de Aristóteles em que a analogia efetivamente comparece– ocupa e divide a opinião, até hoje, para além da síntese tomista ou neotomista, não só os comentadores oficiais, como também a interpretação de Aristóteles feita pelos filósofos contemporâneos<sup>7</sup> que são críticos desta mesma tradição metafísica.

Quando nos perguntamos pelo papel da ἀναλογία para o pensamento grego, qual o seu sentido, onde opera, em quais textos, sob que forma, se será acidental, se essencial, ou qual sua importância ao longo da própria história da metafísica já em nosso perguntar, a analogia parece envolver e ultrapassar os termos que ordena: ela pressupõe o uso de conceitos da linguagem filosófica. O recurso metodológico<sup>8</sup>, neste caso, não é pré-filosófico, não pode ter a ingenuidade de uma origem própria, a virgindade de uma história dos começos. A mesma coisa podemos dizer do recurso à etimologia, ou aos dicionários técnicos. Estes recursos, ainda que necessários, não podem menos dispensar a análise filosófica. Na verdade, os dicionários só fazem abrir e proliferar a série onde se conjugam: λόγος, metáfora, proporção, semelhança e relação. É esta série, juntamente com suas derivações, que a analogia filosófica grega integra, constituindo sistemas de relações que irão se alternar e diversificar ao longo da história da filosofia.

Em uma primeira aproximação aos textos de Platão e de Aristóteles, constata-se que a ἀναλογία possui o sentido de proporção matemática; sua

7 Não só os comentadores oficiais de Aristóteles, mas também os filósofos contemporâneos, aqueles que possuem um modo próprio de ler a história da filosofia, se referem polemicamente à questão da hipótese de uma teoria da analogia do ser aristotélica. O interesse de filósofos como Heidegger, Ricoeur, Deleuze e Derrida sobre a analogia em geral e a aristotélica em particular, visa sobretudo, ainda que de formas distintas, um questionamento crítico da metafísica ocidental, da qual identificam como um traço fundamental a resolução do problema do ser pela via analógica. A constatação da hipótese não está mais a serviço de um suposto enaltecimento da filosofia aristotélica, mas é o signo de uma inflexão cara para o pensamento filosófico em geral. A analogia do ser aristotélica, ora significa – como em Heidegger (1989: 123; 1991: 40-53; 66) – mais um passo na constituição onto-teológica da metafísica ou – como em Derrida (1989: 276-285) – uma decisão pela metafísica da presença, ora – como argumenta Deleuze (1988: 71-73) – uma peça importante da filosofia da representação.

8 Quando se define uma estratégia de interpretação para a analogia na filosofia grega e não se discute o próprio critério de classificação, a justificação metodológica é sustentada por toda uma filosofia implícita cujos títulos nunca são interrogados.

estrutura formal eqüivale à da proporção geométrica<sup>9</sup>:  $a/b = c/d$ . Como podemos encontrar nesta definição concisa de Aristóteles “A analogia é uma igualdade de relações que supõe, pelo menos, quatro termos” (*Ética a Nicômaco* V, 3, 1131a 30-31).

Se, por um lado, como parecem indicar os textos, esta significação se mantém relativamente estável – e por isso já de saída inviabiliza sua assimilação com as fórmulas elaboradas posteriormente –, por outro lado, devemos reconhecer em toda a sua positividade e implicações os usos efetivos da *ἀναλογία* como figura do *λόγος* grego. E é justamente neste ponto que começam as dificuldades de interpretação da *ἀναλογία* na filosofia grega.

### O caso de Aristóteles

Ao propormos uma discussão sobre a consistência da tese tradicional, a que sustenta uma doutrina da analogia do ser na *Metafísica*, questionando seus apoios textuais, sua “estrutura argumentativa”, já estamos pressupondo uma compreensão da filosofia de Aristóteles, dos seus problemas e conceitos fundamentais, da maneira como se articulam, etc..

A aceitação ou não de uma doutrina da analogia em Aristóteles é de importância tal que ela condiciona, não só a compreensão de outros conceitos do próprio pensamento de Aristóteles, como também o entendimento da história da filosofia ocidental, por estar esta história intimamente relacionada com a formação e consolidação da interpretação que atribui a ele uma doutrina da analogia do ser.

No que diz respeito à *Metafísica*, dada a natureza singular dos textos que a compõem, a situação dos intérpretes contemporâneos em relação à possível existência de uma doutrina da analogia do ser é significativamente conflitante. Se, por um lado, não há grandes divergências entre estes intérpretes de Aristóteles em relação ao uso do conceito de analogia no domínio da poética, da retórica e nos textos biológicos, já seu emprego na *Metafísica*, bem como na *Ética a Nicômaco*, tem, por outro lado, gerado uma grande

9 A analogia geométrica se subdivide em: analogia contínua, quando os termos médios da igualdade são iguais  $a/b = b'/c$ , onde  $b = b'$ ; e analogia descontínua, quando são diferentes os quatro termos da operação de igualdade, ou seja, a sua formulação tradicional  $a/b = c/d$ .

diversidade de interpretações. Há desde intérpretes que aceitam, sem grandes objeções, a hipótese da existência em Aristóteles de uma doutrina da analogia do ser, como os que, com firmeza, a recusam; entre estes dois extremos há ainda aqueles que aceitam dizer que Aristóteles apenas implicitamente sustenta esta doutrina.

Em uma passagem muito comentada da *Metafísica* (V, 6, 1016b 30-35 e 1017a 1-5), a analogia é definida como uma unidade discursiva transgênerica, capaz de operar entre os gêneros<sup>10</sup>, ainda que não nos possibilite o conhecimento de nenhuma essência. E é justamente esta característica da analogia que a promove como forte candidata para unificar as relações entre as categorias<sup>11</sup>, os gêneros supremos, além dos quais temos apenas a palavra ser.

Aristóteles denomina as categorias gêneros supremos do ser, ou seja, que são os gêneros mais gerais sobre os quais existe somente a unidade da palavra ser. Cada uma das categorias é, pois, imediatamente ser, sem que, porém, o ser seja o gênero do qual as categorias seriam as espécies. Mas, se o ser não é um gênero, como salvar o projeto de uma ciência una do ser enquanto ser, uma vez que Aristóteles (*Met.*, IV, 2, 1003 b 19) insiste frequentemente na tese segundo a qual toda ciência se refere a um, e somente um, gênero?

- 
- 10 Do ponto de vista lógico, o gênero designa “um atributo que pertence na sua essência a várias coisas de espécies diferentes” (*Tópicos* I, 5, 102a30-31; cf. *Met.* V, 28). De um ponto de vista epistemológico, o gênero designa um domínio de realidade que serve de princípio próprio a uma ciência. Só há ciência no interior de um gênero dado e há somente uma ciência para cada gênero dado.
- 11 A palavra *κατηγορία* (categoria) pertence ao domínio da linguagem jurídica. Antônimo de apologia, (“defesa”), o termo significa ordinariamente em grego “acusação”. Transposta para o vocabulário filosófico por Aristóteles, designa o que pode ser dito em geral e comumente de uma realidade ou de um sujeito. Aristóteles nota que podemos classificar a maioria dos juízos predicativos segundo as grandes categorias – irreduzíveis entre si e ligadas às diferentes formas de atribuição. Sem a preocupação do número exato, ou de determiná-las de maneira definitiva, nas listas mais exaustivas de Aristóteles (*Tópicos* I, 9, 103b20; *Categorias* 4, 1b25) encontramos dez. Figuras da predicação, as determinações categoriais possuem, por outro lado, um valor ontológico, na medida em que constituem um dos quatro sentidos do ser e o primeiro entre eles, a *οὐσία*, é a primeira categoria e o sentido fundamental do ser. É este caráter ontológico das categorias que faz com que Aristóteles as denomine por vezes como “gêneros” do ser, “especificações” do ser ou traços “comuns” do ser (*Met.* IV, 2, 1003b22; XII, 4, 1070b1; *Seg. Analíticos* II, 13, 96b20; *Física* III, 1, 200b34). Isto quer dizer que elas são os termos mais gerais que se pode fornecer sobre o ser. Além delas só o ser é uma determinação mais geral, desde que sua unidade não seja a de um gênero. É este caráter ontológico que assegura o valor das categorias para o conhecimento.

A resposta de Aristóteles (*Met.*, IV, 2, 1003 b 4-10) é a de que as significações múltiplas do ser<sup>12</sup>, suas significações categoriais, ainda que sejam irredutíveis entre si, não deixam por isso de possuir certa unidade, na medida em que elas se dizem (λεγόμενον) em relação (πρός) a um princípio único (ἓν) que é a (οὐσία), a essência<sup>13</sup>.

Assim, a ciência do ser enquanto ser pode ser dita 'una' de certo modo, ou seja, na medida em que a questão – que foi no passado, é no presente e será no futuro razão de dificuldade da investigação – que é o ser?, se deixa derivar desta outra: que é a essência (*ousia*)? (*Met.*, VII, 2, 1028 b 3-4). A afinidade que Aristóteles quer mostrar entre as diferentes significações do ser não repousa, pelo menos explicitamente, sobre uma igualdade de relações (analogia no sentido matemático), mas sobre o fato de que cada relação diferente comporta um termo idêntico, a essência (*ousia*).

Para ilustrar esta relação, Aristóteles (*Met.*, IV, 1003 a 34-35) nos dá dois exemplos: o da palavra sadio e o da palavra medicinal. Sadio pode-se dizer tanto no caso de um homem, do regime, do clima, etc., uma vez que em todos esses casos há um termo comum: a saúde. A saúde é o termo de referência a partir do qual e em relação à sua natureza ordenam-se uma série de realidades diversas: o que a conserva, o que a produz, o que é dela o sinal e o que é capaz de recebê-la. Quanto a medicinal, pode-se dizer tanto daquele que pratica a medicina, como do instrumento por ele utilizado, uma vez que neste caso a medicina funciona como o termo de referência que assegura a unidade da pluralidade das significações, assim como a saúde, no caso anterior.

A unidade prós hén das categorias, como a do exemplo da saúde ou da medicina, produz uma estrutura do tipo a, a/b, a/c etc. onde a é o termo primeiro (a *ousia*) de uma série na qual ele se repete. Temos nesta estrutura uma série na qual se repete o termo primeiro e não uma igualdade de relações,  $a/b = c/d$ .

Para designar esta relação, os comentadores neotomistas<sup>14</sup> de Aristóteles,

12 Esta pluralidade dos sentidos do ser (τὸ ὄν λέγεται πολλακῶς) é constantemente afirmada por Aristóteles (*Met.* IV, 2; VI, 2; VII, 1); ela constitui um dos *leitmotiv* da *Metafísica*. Entretanto, esta pluralidade não é um obstáculo absolutamente intransponível ao conhecimento do ser, uma vez que um dos sentidos do ser, o de *ousia*, é primeiro em relação aos outros e serve de unidade de referência para o quase-gênero que se torna o ser apreendido como essencial.

13 A tradução de οὐσία por essência não constitui consenso; a maioria dos tradutores prefere a palavra substância. Para uma discussão sobre a imposição histórica desta tradução de οὐσία por substância consultar Jean-François Courtine (1980: 33-87).

14 Aubenque (1990: 202-206). Ver também, Dumoulin (1986: 81) e Libera (1990: 79).

apoiados na tradição medieval, difundiram no século XIX a expressão analogia de atribuição<sup>15</sup>, *analogia attributionis* ou também dita *proportionis*. Esta expressão foi escolhida para marcar a diferença entre a analogia no sentido estrito, quer dizer, de proporcionalidade – *proportionalitatis* – e o sentido novo utilizado, segundo estes intérpretes, por Aristóteles – sobretudo na *Metafísica*, onde aparece, no contexto das significações múltiplas do ser, a expressão *pròs hén*. A tese da analogia de atribuição, como garantia última de fundamentação do sistema aristotélico, logo ganhou novos adeptos fora do aristotelismo. A doutrina da analogia do ser aristotélica passou a ser sustentada não mais para se admirar a perfeição do sistema de Aristóteles, mas como aquilo que justamente o torna inferior<sup>16</sup> em relação a outros modelos filosóficos.

Tem-se, como alternativa à tradição, adotado para exprimir esta relação da *ousia* com as outras categorias, a idéia de "significação focal"<sup>17</sup>, ou seja, a *ousia* é o ponto de convergência a partir do qual as outras acepções do ser categorial podem dizer-se unas no ser. Esta nova tradução para a doutrina do *pròs hén*, como unidade focal no lugar da analogia de atribuição, não é apenas uma mudança de vocabulário. Ela representa, um ponto de inflexão fundamental na compreensão da filosofia de Aristóteles.

### **Críticas de P. Aubenque à analogia do ser aristotélica.**

No comentário contemporâneo da *Metafísica*, foi Pierre Aubenque quem com mais força se insurgiu contra a tese da analogia do ser aristotélica. Para compreendermos sua crítica é necessário situar algumas de suas

- 
- 15 A analogia de atribuição é uma espécie de analogia em que uma propriedade se diz de um ser por referência a um outro do qual depende. Esta expressão não é de Tomás de Aquino; ela aparece em seus comentadores, que se diferenciam pelo posicionamento em relação a certas particularidades que ela pode assumir. A analogia pode ser intrínseca ou extrínseca: quando há participação entre os termos ela é dita intrínseca; quando não há participação, é dita extrínseca.
- 16 León Robin, apoiado nas análises de seu mestre Hamelin, para quem a universalidade analógica era a chave do sistema de Aristóteles, diz que após Aristóteles ter afirmado esta universalidade analógica ele teria que deduzi-la de seu princípio, o que ele não faz, logo, sua filosofia permanece, principalmente quando comparada com a filosofia de Platão, um "qualitativismo", um "puro empirismo" Robin (1973: 39).
- 17 A expressão *focal meaning* foi introduzida por G. E. L. Owen, em "Logic and Metaphysics in some Earlier Works of Aristotle" in *Atas do I Symposium aristotelicum Oxford*, 1957, pp. 169-170. O texto foi reeditado em *Logic, Science, and Dialectic: collected papers in Greek Philosophy*. New York: Cornell University Press, 1986, pp. 184-185.



teses que sustentam para a *Metafísica* um estatuto aporético. A crítica de Aubenque, pressupõe a compreensão destas teses aporéticas de Aristóteles, que incidem sobre um tópico central para qualquer filosofia: a questão do ser.

Será então a partir do que o ser pode querer dizer para Aristóteles, a partir deste problema filosófico que, segundo Aubenque, é formulado mais do que solucionado, que poderemos encontrar – paradoxalmente – as razões não da presença, mas da ausência em Aristóteles de uma analogia do ser.

De acordo com Aubenque, ainda que Aristóteles corrija seu ponto de partida, reduzindo a afirmação da pluralidade dos sentidos do ser à pluralidade das categorias e esta à categoria primeira, a *ousia*; esta redução não deixa de gerar novas aporias sobre a unidade possível que doravante poderemos ter do ser. Uma das razões disto é que as categorias sendo irreduzíveis umas às outras, e assim não se deixando subsumir em um gênero, comprometem definitivamente a possibilidade de termos do ser uma ciência, pelo menos uma ciência em sentido forte, isto é, ciência de um gênero. O problema se torna então de sabermos que tipo de unidade pode assegurar para a pluralidade dos sentidos do ser, e conseqüentemente do ser categorial, a coerência necessária para sua inteligibilidade.

Podemos dizer, seguindo a argumentação de Aubenque<sup>18</sup>, que duas graves contradições são cometidas nesta doutrina do *pròs hén legómenon*. Em primeiro lugar, o fato estranho de que a unidade do ser possa, sem petição de princípio, realizar-se com uma de suas próprias significações, a categoria da relação, *pròs ti*. Em segundo lugar, o fato, não menos curioso, de que o termo em relação ao qual as outras categorias significam o ser é ele próprio uma categoria, ou seja, o fundamento seria imanente à série. A *ousia* é, assim, ao mesmo tempo tanto uma das significações do ser dentre outras, quanto aquilo através do que é possibilitada às outras significações uma certa unidade.

Para a maioria dos comentadores, a tese defendida por Aristóteles segundo a qual o ser é um *pròs hén legómenon* resolve o problema das significações múltiplas do ser. Entretanto, para Aubenque<sup>19</sup>, esta “solução” é possível, mas não é verdadeiramente conclusiva, uma vez que ela

18 Aubenque (1990: 195).

19 Aubenque (1990: 243).

apresenta uma série de contradições e indefinições que nos obriga a desconfiar de sua aparente clareza. Quando Aristóteles parte para a definição propriamente dita desta relação, ou referência (*prós*), que a *ousia* mantém com as outras categorias, deparamo-nos com uma enumeração de exemplos nos quais reencontramos as próprias categorias.

“Tais coisas são, com efeito, ditas seres porque são essenciais, tais outras porque são determinações da essência... ou qualidade da essência.” (*Met.*, IV, 2, 1003b, 5).

A definição de relação (*prós*) que Aristóteles nos fornece aqui é apenas uma nova fórmula da questão e não a sua definição propriamente dita.

Para Aubenque, Aristóteles abre dialeticamente a possibilidade de um outro discurso sobre o ser, onde se resgata a possibilidade da sua unidade. Essa unidade em Aristóteles é buscada, problemática e aporética. Ela é uma unidade precária e sempre deficitária em sua realização, que não se dá como analogia do ser nem explicitamente e, muito menos, de modo implícito. Nesta tese de Aubenque, a analogia não deixa, menos por isso, de desempenhar papéis importantes em outras áreas do saber. Ela resgata seu prestígio lá onde efetivamente foi fecunda: na poética, as metáforas literárias; nas “ciências”, as analogias físicas entre os seres em geral. E por que não dizer que, também no próprio domínio das doutrinas eminentemente filosóficas, a analogia cumpre papéis importantes como único recurso disponível, lá onde não é possível mais avançar.

Em Aristóteles a analogia filosófica não dissolve a aporia; ela a relança quando aponta os seus limites, além dos quais o discurso se torna vazio; cumpre um papel crítico de limitação do saber filosófico. A analogia, como técnica dialética de solução de problemas, permite que a filosofia se liberte do gênero e, com isso, dos contornos da ciência; ao mesmo tempo em que impede a filosofia de se transformar em retórica. Ela possui funções muito definidas nestes domínios do saber, impedindo que seu uso metafísico quebre os contornos já definidos.

Segundo Aubenque, a analogia dita de atribuição transforma a relação, o *prós*, da expressão *prós hén legómenon*, em um *lógos*; onde tínhamos apenas uma relação a um termo primeiro, agora encontramos uma relação de predicação de um atributo a um sujeito. Ela muda a natureza da própria relação: o *prós hén*, de homonímia não-acidental, passa ao estatuto de analogia, aproximando-se da sinonímia. Há aqui uma focalização da analogia; neste sentido, torna-se legítima a assimilação da unidade *prós hén* com a

analogia. A analogia adquire uma nova forma, não mais de proporção, mas de relação focal.

Aubenque<sup>20</sup> nos fala de uma espantosa capacidade de “resistência à influência platônica” de Aristóteles, para marcar uma diferença em relação ao significado verticalizante da analogia, iniciado com Platão (*Rep.*, VI, 509a-b) e retomado por Teofrasto (*Met.*, I, 4b 11), mas efetivamente desenvolvido principalmente pelos neoplatônicos. A analogia associa-se ao problema da dependência causal e exemplar do Princípio, onde encontra uma determinação hierárquica: o princípio regula e distribui o ser. Com os neoplatônicos uma metafísica dos graus do ser substitui uma metafísica dos sentidos do ser. A analogia nesta nova configuração adquire então um novo papel, um novo significado, em suma, um novo alcance.

As análises de Aubenque nos convidam a deixarmos de pensar o momento grego da analogia, seu surgimento e desdobramentos no discurso filosófico, como apenas uma preparação da discussão medieval, como algo que a antecede e por isso mesmo apenas a prepara. Este momento possui uma singularidade, uma diferença irreduzível, que deve ser investigada em sua especificidade própria. Neste sentido, metodologicamente falando, conceitos como os de “influência”, “origem” e “precursor” encontram-se de saída descartados, uma vez que só uma análise atenta às nuances dos diversos textos poderá nos indicar efetivamente o estatuto filosófico que a ἀναλογία desempenhou na filosofia grega clássica.

A interpretação de Aubenque<sup>21</sup> sobre a analogia aristotélica não se esgota com a constatação de uma ausência da analogia do ser em Aristóteles, ela busca também responder às questões:

1 – Como a ἀναλογία aristotélica se articula com outros sentidos e usos da ἀναλογία, particularmente em Platão e Teofrasto?

2 – Quais as transformações do sentido da ἀναλογία em sua utilização pelos filósofos e comentadores neoplatônicos, bem como em seu emprego na filosofia medieval tardia, onde ela se torna um tema privilegiado com a denominação de *analogia entis*?

20 Aubenque (1978: 12).

21 A questão passou a ser não mais se há ou não analogia do ser em Aristóteles, mas porque se fez tal afirmação. Qual foi a série de deslocamentos, muitas vezes ínfimos, de interpretação sobre os textos de Aristóteles que permitiram os comentadores se sentirem no direito de acreditar na existência da doutrina da analogia do ser aristotélica. Quatro textos de Aubenque abordaram este tema, são eles: Aubenque: 1981; Aubenque: 1985; Aubenque: 1989a e Aubenque: 1989b.

E podemos dizer, apoiados nas análises de Aubenque, que o pensamento dos múltiplos sentidos do ser mantém com a analogia uma tensão, uma ambigüidade. Na medida em que se vai paulatinamente flexibilizando o seu sentido matemático, esta tensão e esta ambigüidade se perdem. Ao fim deste processo a analogia está pronta para ser reelaborada, não mais com a dialética dos sentidos do ser, mas nas malhas teológicas da relação entre o criador e a criatura.

Hoje a expressão “analogia de atribuição” está descartada pelos intérpretes de Aristóteles. A analogia de atribuição está claramente orientada por uma questão teológica, a saber: Deus está para as substâncias sensíveis assim como estas se relacionam com seus acidentes. Os problemas semântico-ontológicos desenvolvidos por Aristóteles perdem em importância para as questões teológicas quando se entende a unidade focal do ser como analogia de atribuição.

Inicialmente foram as pesquisas no domínio da filologia, no fim do século passado, que, a partir dos estudos da palavra ἀναλογία e de seu significado, puderam precisar seu sentido matemático de proporção, tornando assim possível e até mesmo legítimo suspeitar da interpretação tradicional de Aristóteles. Determinando com exatidão o significado da analogia – “igualdade entre pelo menos duas relações” –, a filologia aboliu em parte a recorrência que permitia aos intérpretes projetarem no conceito de analogia significados bem diversos dos que foram efetivamente utilizados.

Mas, esta correção feita pela filologia não impede que alguns intérpretes atuais sigam argumentado que “de direito” se pode encontrar no corpus aristotélico – e principalmente na *Metafísica* – a analogia do ser. Neste sentido, a questão passa para seu nível propriamente hermenêutico, onde temos, por um lado, aqueles que buscaram a analogia do ser e a encontraram de um modo apenas implícito, latente e, de outro lado, aqueles que tentaram reforçar as razões e os sentidos da ausência de uma doutrina da analogia do ser na *Metafísica* de Aristóteles.

Há hoje um reconhecimento, por parte dos historiadores da filosofia, de que em todo o corpus aristotélico não existe a afirmação explícita de uma doutrina da analogia do ser. Há, porém, intérpretes<sup>22</sup> da *Metafísica*, que acreditam poder “de direito” derivá-la dos textos sem que se esteja

---

22 Ricoeur (1975: 332-333); Dumoulin (1986: 21, 180-185, 209-211).

cometendo uma violência ao pensamento, ou ao menos, às intenções imediatas do pensamento de Aristóteles.

Se estas questões se tornaram hoje para a história da filosofia um núcleo de interrogações polêmicas, isto se deve em grande parte aos esforços de Pierre Aubenque em iniciar uma desmontagem da tese tradicional que defende uma doutrina da analogia do ser aristotélica. Aubenque sustenta que, nem “de fato” (o que seria a interpretação mais tradicional, isto é, a que remete à escolástica medieval), nem tampouco “de direito” pode-se atribuir uma doutrina da analogia do ser a Aristóteles.

Esta crítica fez girar e interagir os eixos do saber filosófico, a maneira como podemos integrar o conhecimento dos textos com o das grandes sínteses canônicas operantes na história da filosofia. Mais precisamente, as interpretações de Aubenque põem em questão o modo tradicional pelo qual compreendemos o legado de Aristóteles e os efeitos dessa compreensão na montagem dos grandes momentos da história da metafísica.

No que diz respeito à analogia aristotélica, as pesquisas de Aubenque desencadearam um interesse que a cada dia se renova, com a publicação de novas investigações, e estão movidas principalmente por uma suspeita que mais e mais se vê confirmada: a de que não existiria, pelo menos do modo como se acreditou durante séculos, uma doutrina especificamente aristotélica da analogia do ser.

Partindo desta conjectura<sup>23</sup>, algumas pesquisas sobre a função e o papel da analogia na história da filosofia<sup>24</sup>, particularmente nos filósofos e comentaristas neoplatônicos, bem como na filosofia medieval tardia, têm se dedicado a domínios ainda inexplorados e estão em plena produtividade.

Uma breve avaliação dos resultados obtidos pela hipótese crítica – sua positividade, seus desdobramentos, seu alcance teórico, sua fecundidade –

23 Tomás Caetano (1468-15340) em sua obra *De nominum analogia et de conceptum entis*, III, 28 (1498), foi o primeiro a se queixar da extensão e do disparate dos sentidos atribuídos à analogia em sua época e, com um aparato textual convincente do *corpus* aristotélico, argumenta ser ilegítimo falarmos de analogia do ser em Aristóteles e de um outro sentido da analogia, que não seja o sentido da proporção matemática, (Aubenque 1978: 6).

24 Aubenque dirigiu com o título de “história do vocabulário ontológico” no Centre de recherche sur la pensée antique, mais conhecido como Centre Léon Robin, por quase duas décadas, um grupo de pesquisas que nos quadros de uma “tópica do ser”, permitiram repensar questões como o nascimento da ontologia, a elaboração da doutrina da analogia do ser e a constituição da metafísica. Pesquisas cujos frutos podemos ver nos trabalhos sobre a analogia medieval de Alain de Libera, Olivier Bounois e Jean François Courtine, participantes de seus seminários e, de certa forma, engajados na desmontagem das bases textuais e filosóficas da tese tradicional.

nos mostra que a tarefa desta hipótese está apenas em seus começos, sem que seus efeitos tenham sido investigados em todas as suas dimensões mais profundas?

## Bibliografia

- Aristóteles. 1987. *Metafísica de Aristóteles*. Edición trilingüi por Valentín García Yebra. Madrid: Gredos.
- Aubenque, Pierre. 1978. "Les origines de la doctrine pseudo-aristotélicienne de l'analogie de l'être", *Les Etudes Philosophiques*, 1: 3-12.
- . 1981. "Néo-platonisme et analogie de l'être", *Néo-platonisme. Melanges offerts à Jean Trouillard*, Cahier de Fontenay, n° 17/22: 63-76.
- . 1985. "Plotin et Dexipe, exégètes des Categories d'Aristote", *Aristotelica*. Mélanges offerts à Marcel de Corte, Bruxelles-Liège, 7-40.
- . 1989a. "Sur la naissance de la doctrine pseudo-aristotélicienne de l'analogie de l'être", *Les Études philosophiques*, n° 3-4, Paris: PUF.
- . 1989b. "Onto-logique", *Encyclopédie Philosophique Universelle*, v. 1. Paris: PUF.
- . 1990. *Le problème de l'être chez Aristote*. Paris: PUF.
- Boulnois, Olivier. 1989a. "Analogie et Univocité selon Duns Scot: La double destruction", *Les Ethudes Philosophique*, n° 3-4, Paris: PUF.
- . 1989b. *Encyclopédie Philophique Universelle*, v. II, tomo I. Paris: PUF.
- Courtine, Jean-François. 1980. "Note complémentaire pour l'histoire du vocabulaire de l'être (Les traductions latines d'*ousia*)", *Concepts et Catégories dans la pensée Antique*, dir. P. Aubenque, Paris: Vrin, 33-87.
- . 1988. "Phénoménologie et métaphysique", *Le Débat*, 72: 77-89.
- . 1989. *Suarez et le système de la métaphysique*. Paris: PUF.
- Delattre, Michel. 1990. "Analogie", *Encyclopedie Universalis*, tome 2. Paris.
- Deleuze, Gilles. 1974. *Deleuze-Divers: Vincennes – 14/01*. Página da Web.

- . 1988. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal.
- Derrida, Jacques. 1989. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papyrus.
- Dumoulin, Bertrand. 1986. *Analyse génétique de la Métaphysique d'Aristote*. Paris/Montreal: Bellarmin et Belles Lettres.
- Festugière, A. J.. 1954. *La révélation d'Hermès Trimégiste*, 4 vol. Paris.
- Heidegger, Martin. 1989. "L'époque des 'conceptions du monde'", *Chemins que ne mènent nulle part*, trad. Wolfgang Brokmeir, Paris: Gallimard.
- . 1991. *Aristote, Métaphysique  $\Theta$  1-3*, texte établi par Heinrich Hüni, traduit de l'allemand par Bernard Stevens et Pol Vandeveld. Paris: Gallimard
- Lalande, André. 1991 *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: PUF.
- Libera, Alain de. 1989. "Les sources greco-arabes de la théorie médiévale de l'analogie de l'être", *Les Etudes Philosophique*, n° 3-4, Paris: PUF.
- . 1990. *Encyclopaedia Universalis*, tomo 2. Paris.
- . 1998. *A Filosofia Medieval*. Trad. N. N. Campanário e Y. M. C. Teixeira da Silva. São Paulo: Loyola.
- Owen, G. E. L.. *Logic, Science, and Dialectic: Collected Papers in Greek Philosophy*. New York: Cornell University Press.
- Ricoeur, Paul. 1975. *La métaphore vive*. Paris: Seuil.
- Robin, Léon. 1973. *La pensée grecque et les origines de l'esprit scientifique*. Paris: Albin Michel.